

LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS NAS AULAS DE HISTÓRIA: QUE GÊNEROS UTILIZAR

Regina Lúcia Buarque (SEE\ SEMED\IBESA)

regina_buarque@yahoo.com.br

Sérgio Onofre Seixas de Araújo (UFAL)

sergio.onofre@yahoo.com.br

Quitéria Pereira de Assis (SEMED\ SEE\ CESMAC)

quiteria_assis@hotmail.com

Maria Vilma da Silva (SEMED\ SEE)

vilmariana@ig.com.br

Alexandre Costa Moura (SEMED\ SEE\ UFAL)

alefutsal@ig.com.br

Introdução

Sabemos que levar o aluno a formular e produzir textos tem sido uma das mais árduas e conflituosas tarefas dos professores. Segundo Fávero (2007), “Formular um texto não é só planejá-lo, mas realizá-lo”. Formular é efetivar atividades que estruturam e organizam os enunciados de um texto; e o esforço que o locutor faz para produzi-los se manifesta por traços que deixa em seu discurso.

Neste artigo buscamos refletir sobre dificuldades apresentadas por alunos do Ensino Fundamental, quando se trata de produzirem textos a partir de temas estudados nas aulas de História. Tais dificuldades são relatadas a partir da experiência dessa situação vivenciadas por um professor de História, de uma escola pública da rede estadual de ensino, localizada em Maceió, AL e, foram superadas, através de um trabalho interdisciplinar entre Língua Portuguesa e História, em que, abrindo mão de algumas técnicas de produção de textos e da exposição dos alunos às diversas condições de produção, o referido professor conseguiu, a partir de contatos com diferentes gêneros textuais (orais e escritos), levar os alunos a romperem com o já-dito (AD), dando a seus textos outros sentidos, sentidos estes, produzidos por alunos que ultrapassaram a condição de sujeito-paciente / limitado a um nível superficial de leitura e compreensão, a sujeito-agente, capaz de construir uma interpretação em que reconhece o “encontro de duas historicidades: a sua própria e a da documentação que utiliza” (NEVES, 1985).

O corpus analisado constitui-se de quatro produções textuais de alunos de uma 7ª série (8º ano) do ensino fundamental, da rede pública estadual de ensino de Maceió, no qual analisaremos como as condições de produção interferem no discurso dos estudantes. Para tanto, discorreremos sobre as seguintes categorias da análise do discurso (AD): **memória discursiva, condições de produção e interdiscurso.**

Palavras Chave: Produção de texto, condições de produção, interdisciplinaridade, ensino de História.

1- A produção de textos na escola

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 1998), o principal objetivo do ensino de Língua Portuguesa é levar o aluno a utilizar a linguagem na escuta e produção de textos orais e na **leitura e produção de textos escritos** de modo a atender às múltiplas demandas sociais, responder a diferentes propósitos comunicativos e expressivos, e considerar as **diferentes condições de produção do discurso**.

No entanto, sabemos que, conseguir desenvolver nos alunos a competência de escreverem textos com habilidade, criticidade e autonomia, atendendo também, claro, aos aspectos formais da língua escrita, tem sido um desafio constante para os professores de Língua Portuguesa nos diversos níveis de ensino, particularmente na Educação Básica.

Já se tornou recorrente escutarmos de professores de língua materna a queixa de que os alunos não conseguem produzir um texto com coesão, coerência e, principalmente, com ideias e informações pertinentes ao tema e gênero propostos.

Neste artigo, buscamos, a partir de uma imersão em algumas categorias da análise do discurso (AD), mostrar de que forma as condições de produção podem interferir nas produções escritas por alunos das séries finais do ensino fundamental, levando-os a produzirem textos mais coesos e coerentes, com indícios de autoria e criticidade; fazendo-os passar da condição de sujeitos pacientes, que apenas reproduzem um conjunto de ideias transmitidas pelo “outro” (professor, livro didático...); a sujeito agente, produtor de textos e de sentidos. Para sustentar nossa posição, recorreremos a Bakhtin (1992); Cardoso (2003); Cavalcante (2007); Dantas (2007) e Orlandi (2007).

Segundo Maingueneau (1989), todo discurso nasce de um trabalho sobre outros discursos. Nessa perspectiva, a fala de todo sujeito é perpassada, atravessada por outros dizeres, de outros lugares e outros sujeitos. O discurso, expresso oralmente ou através da escrita, remete à formação ideológica que o sujeito representa, isto é, de que lugar e com que objetivo ele produz tal dizer. A partir desta concepção, analisaremos como este fato se materializa nos discursos de alunos do ensino fundamental no momento de produzirem textos.

Buscaremos perceber como se dá o atravessamento da memória discursiva dos sujeitos (alunos) envolvidos no processo e de que forma o “já-dito” permeia todo o processo de produção, em que o “outro” marca o dizer dos alunos “autores” a partir das condições de produção de cada discurso.

O corpus analisado constitui-se de quatro produções textuais de alunos de uma 7ª série (8º ano) do ensino fundamental, da rede pública estadual de ensino de Maceió, no qual analisaremos como as condições de produção interferem no discurso destes. Para tanto, discorreremos sobre as seguintes categorias da análise do discurso (AD): **memória discursiva, condições de produção e interdiscurso**.

2 Texto x Discurso

Julgamos necessário tecer alguns comentários a respeito dos conceitos de texto e discurso, para compreendermos de que maneira ambos se entrelaçam e a partir de que ponto o discurso se materializa no texto. Segundo o dicionário de linguística textual

(DUBOIS, 2006), discurso é considerado como um conjunto de enunciados linguísticos submetidos à análise.

Orlandi e Guimarães (1988) apud Dantas (2007) afirmam que,

O discurso é caracterizado por uma dupla dispersão: a dos textos e a do sujeito. Essas diferentes posições de sujeito no texto correspondem a diversas formações discursivas, porque em um mesmo texto podemos encontrar enunciados de discursos diversos, que derivam de várias formações discursivas [...] O discurso não é um conjunto de texto, é uma prática; para se encontrar sua regularidade, não se analisam seus produtos, mas os processos de sua produção (p. 90).

Acreditamos que é a partir dessa perspectiva que o discurso se materializa no texto. Concordamos com Orlandi (1999) quando afirma que todo texto tem um discurso que o sustenta. E esse discurso, defendemos, está intrinsecamente ligado à memória discursiva do sujeito que o produz e às condições de produção em que ele se realiza. Portanto, tomaremos como pressuposto para análise das produções dos alunos a concepção de texto como a materialização do discurso e esse, como o dizer mais imediato do sujeito, produzido num dado momento, a partir de determinadas formações discursivas e das condições de produção que o realizaram.

3 As Condições de Produção do Discurso

Os dizeres de um discurso, materializados no texto, não são meras palavras ou frases, que são concebidas aleatoriamente, ao acaso, a partir do nada e independentes das condições em que foram produzidas. Ao contrário, conforme Orlandi (2007, p. 30), “São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz”. Portanto, todo dizer está intrinsecamente ligado à sua exterioridade, às suas condições de produção, que, ainda segundo Orlandi (2007, p. 30), podem se dar em SENTIDO ESTRITO – Contexto imediato ou em SENTIDO AMPLO – Contexto sociohistórico, ideológico.¹

Para a AD, as condições de produção do discurso não devem ser analisadas apenas no contexto estrito, empírico, mas, e principalmente, em seu contexto amplo, lato, em que os discursos dos sujeitos possam estar relacionados a determinados lugares que estes sujeitos representam na estrutura social. Pois é a partir destes lugares, das formações discursivas nos quais estes sujeitos estão situados, de que posição e em que condições seus discursos são produzidos, que resultará o que irão dizer, produzir.

Dessa forma, corroboramos com Cavalcante (2007), reportando-se a Bakhtin (1981), ao afirmar que “os sentidos do discurso são determinados, pela situação social imediata que, por sua vez, resulta do meio social mais amplo” (p. 38).

¹ Perceberemos, na prática, estas categorias na análise das produções dos alunos.

4 Interdiscurso: os efeitos do “já-dito” no processo de produção textual

Como citamos na introdução deste texto, todo discurso é atravessado por outros dizeres, produzidos em outras épocas, em outros lugares, com os mesmos e/ou diferentes efeitos de sentido. A essa heterogeneidade de discursos presentes no dizer de cada sujeito chamamos INTERDISCURSO, ou seja, o já-dito que se materializa na fala do outro, que o reproduz ou ressignifica-o, como se fosse seu proprietário; processo esse que, muitas vezes, dá-se de forma inconsciente, em que o sujeito apropria-se de dizeres pré-construídos que habitam sua memória discursiva e os profere como se estivessem sendo ditos pela primeira vez, como se fossem novos dizeres, criando no sujeito, a falsa impressão de *autoria*² de seus discursos.

Cavalcante (2007) afirma que: “o discurso não nasce da vontade repentina de um enunciador, mas de um trabalho sobre outros discursos que ele repete ou modifica”; ou seja através do interdiscurso.

A autora enfatiza ainda que:

O interdiscurso é, pois, o espaço da alteridade discursiva, a possibilidade de fazer circular em novos discursos, formulações já enunciadas anteriormente, numa outra conjuntura dada, transmitida de geração em geração e reguladas pelas instituições [...] produzindo diferentes efeitos (de ratificação, de redefinição, de ruptura, de negação) do “já-dito” (p. 49).

É a partir dessas considerações que passaremos a analisar agora as produções textuais dos alunos, buscando identificar a presença do “já-dito” em seus textos e de que forma as condições de produção em que cada texto foi construído serviram de interferências, que atravessaram a memória discursiva dos sujeitos (alunos envolvidos no processo) fazendo-os ressignificar esse “já-dito”, dando-lhes outro sentido.

5 Situando o *corpus* a ser analisado

Serão analisados trechos³ de quatro textos produzidos por dois alunos de uma 7ª série (8º ano) de uma escola pública da rede municipal de ensino de Maceió/AL, solicitados pela professora de Língua Portuguesa. Cada aluno produziu dois textos em condições, contextos diferentes. A saber:

1º momento: produzir um texto sobre o índio brasileiro, tendo como referencial apenas uma gravura colhida de um livro didático.

2º momento: cinco dias depois, os mesmos alunos deveriam produzir um texto com a mesma temática, no entanto, neste espaço de cinco dias, esses alunos foram expostos a novas condições de produção: (exibição do filme “Brava gente brasileira”; leitura e discussão de um poema a respeito do índio e, por fim, um contato interativo com um grupo indígena que esteve na escola para debate com os alunos). Passemos, então, aos textos produzidos pelos alunos.

² Sobre o conceito de autoria ver, Dantas (2007, p. 97).

³ Optamos por trechos dos textos pelo fato de os mesmos serem muito extensos, o que impossibilitaria a análise neste momento.

5.1 Primeiro Momento de Produção

Texto 1

Os índios viviam **tranqüilos [sic], caçando, pescando, viviam em tribos** e suas casas eram chamadas ocas. Até que certa vez os homens brancos **descobriram** o Brasil e **tentaram expulsar** os índios de suas aldeias. Os indiozinhos sofreram muito por verem os seus pais serem massacrados por homens brancos.

Eles devem respeitar os índios e não recriminá-los apenas por serem **selvagens**.

Júlia (Aluna da 7ª série/8º ano)

Texto 2

O índio nasce sorrindo
O índio cresce amando
O índio **vive feliz**
Em **sua terra cultivando**
O índio **canta**, o índio **dança**
Pinta o **rosto e o corpo**
e a todos encanta.

Flávio (Aluno da 7ª série/8º ano)

Nesses primeiros textos, podemos perceber claramente os efeitos do “já-dito” em palavras como: tranqüilos [sic], caçando, pescando, descobriram, selvagens, canta, dança, pinta o rosto e o corpo, encanta; referências estas atribuídas aos povos indígenas na maioria dos livros didáticos (LD) tradicionais de história.

Temos, nesta ocorrência, a *ratificação* do discurso do outro, que é aqui reproduzido de forma inconsciente, a partir, conforme Pêcheux (1993), das condições estritas, imediatas, no caso em questão, qual seja: a gravura apresentada aos alunos os quais, tendo-a como único referente naquele momento e recorrendo à memória discursiva, constitutiva de todo sujeito (aqui concebida como o conjunto de conceitos que já produzimos e que em alguns momentos recorreremos, ou seja, o “já-dito”), assumem em seus textos o discurso do outro (possivelmente LD de história ou falas de professores), reproduzindo-o, sem refletirem sobre ele ou ressignificá-lo.

5.2 Segundo Momento de Produção

Texto 1:

Onde estão os índios?

No começo estavam por toda parte, sobrevivendo de uma forma linda, todos unidos, cultivando seus costumes. Nunca, nenhum índio jamais matou outro que não conhecia para roubá-lo, pois eles **não eram** bandidos, marginais, e principalmente

selvagens, como são conhecidos. Porém, muitos ditos “civilizados” são verdadeiros selvagens, pois invadem terras dos índios, matam pessoas que nem sequer conhecem, muitas vezes sem motivo algum.

Hoje em dia os índios estão escassos, já não são mais os mesmos, **foram obrigados a se desviar de seus costumes** para poder “sobreviver”. Mas ninguém vive bem tendo que se adaptar a costumes que não são seus.

Onde está a **consciência** desses “civilizados”, **preconceituosos** que não respeitam uma cultura diferente da sua? Eu acho que esteja nos poucos índios que ainda existem.

Júlia (Aluna da 7ª série/8º ano)

Texto 2:

Indígenas: uma raça sofrida

A tristeza na face
Quer me dizer,
Tentar explicar, demonstrar e/ou mesmo calar.
Calar o quê?
Uma lágrima caiu.
Sufrimento.
Chorar por quê?
No peito sentia
A **dor** de ver
Toda uma vida
Aos poucos sendo destruídas.
Suas **terras**, riqueza
Sendo **invadidas.**
Era mais que tristeza
O que eles sentiam.
Hoje, após ouvi-los falar
Eu posso entender todo seu sofrimento.
E a maior decepção
Ainda sofrem com o **preconceito,**
Com a desunião e com a **ignorância** do **homem**
branco
POR QUÊ?

Flávio (Aluno da 7ª série/8º ano)

Nesse segundo processo de escrita, no qual os alunos já haviam sido inseridos em outros contextos, ouvido outras “vozes”, sido expostos a outras condições de produção, em que, além do contexto estrito, das condições imediatas (gravuras, leitura de poema e exibição do filme), absorveram também o contexto “lato”; as condições histórico-sociais (através do contato/debate interativo com o grupo indígena). Transitando, desse modo, por outras formações discursivas, em que outro dizer, dito de outro lugar (do índio, oprimido, destituído de seus direitos) permeia todo o processo

escritural, fazendo os alunos produzirem outros efeitos de sentido em seus textos, através da *ruptura* e da *negação* de alguns dizeres presentes nas produções anteriores, como veremos a seguir:

- Textos Júlia⁴

1ª Produção	2ª Produção
Descobriram Viviam Tranqüilos [sic] Maus Selvagens	Invadem Sobreviver Preconceituosos Não eram selvagens

- Textos Flávio

1ª Produção	2ª Produção
Sorrindo Feliz Terra Cultivando A todos encanta	Sufrimento Dor Vida Destruída Sofrem com o preconceito

Como podemos perceber, nesse segundo processo de produção, houve a ruptura de alguns dizeres pré-construídos, em que o “já-dito” não foi *ratificado*, mas *ressignificado*, *redefinido*; no qual, conforme Cavalcante (2007, p. 49), “o sujeito, se inscrevendo [sic] no “já-dito”, ressignifica e se significa”. E foi nesse movimento, entre o “pré-construído”, o “já-dito” instaurado na memória discursiva dos sujeitos/alunos, e os novos sentidos que emergiram que os dizeres ratificados nas primeiras produções textuais foram ressignificados, através das interferências das condições de produção dos discursos, as quais atravessaram as referências anteriores que os alunos possuíam e das quais fizeram emergir “novos dizeres”; discursos produzidos de outras formações discursivas, que, por sua vez, derivam de condições de produção específicas, que fazem o sujeito **ressignificar** seu dizer.

Conforme Dantas (2007, p. 53), “Os sistemas culturais de cada falante caracterizam-se discursivamente como formações discursivas, que não se caracterizam como um bloco homogêneo, mas como uma região suscetível de conflitos, indefinições e transformações”.

E foi transitando por diversas formações discursivas (aluno-professor-autor de LD – índio) que os alunos envolvidos no processo de produção textual ressignificaram seus dizeres, em que o branco descobridor passou a ser o invasor; o índio, visto como bom selvagem, que caça, dança e sorri, foi redescoberto, ressignificado como ser que “sofre, luta e chora pelas mãos do branco sem consciência, ignorante, preconceituoso e dotado de atos selvagens”, conforme consta nos textos produzidos pelos alunos no segundo momento de escritura.

Dessa forma, percebemos que o “já-dito”, materializado aqui, no interdiscurso, condição essencial a todo dizer, foi incorporado a novos significados, produzindo novos

⁴ Os alunos pesquisados autorizaram a publicação de seus nomes. No entanto, como tal autorização deu-se verbalmente, optamos por manter apenas o primeiro nome, omitindo seus sobrenomes.

efeitos de sentido, em que a memória discursiva foi “atravessada” por outros sentidos, a partir das condições de produção a que os sujeitos/ alunos foram expostos.

Conforme Cavalcante (2007, p. 38): “as condições de produção do discurso compreendem, fundamentalmente, os sujeitos falantes em constante relação com a cultura, com a sociedade e com a economia de um determinado momento histórico”. Nessa inter-relação, os sujeitos assumem posições em relação a determinadas formações ideológicas e discursivas. E foi, depois de serem “expostos” a várias condições de produção do discurso, de transitarem por diversas formações discursivas, que estes alunos deixaram de apenas reproduzir a voz do outro, negando suas próprias vozes, não revelando suas opiniões, e conseguiram dar as suas vozes, a seus discursos, materializados, aqui, nos textos produzidos por eles, um outro sentido.

Considerações Finais

Podemos concluir que, mesmo reproduzindo discursos e dizeres pré-estabelecidos em seus textos, os alunos têm condições de redimensionarem estes dizeres, analisando-os, refletindo sobre eles e ressignificando-os, fazendo da prática de produção textual no ambiente escolar um momento de incursão de sujeitos em diversas formações discursivas, permitindo-lhes dar outros efeitos de sentido ao “já dito”, a fim de que o/s discurso/s do “outro” não seja/m reproduzido/s sem que se analise suas condições de produção, de que lugar, com que intenção e por quem foi/ram proferido/s.

No entanto, cabe à escola inserir o aluno nesse contexto, através de um ensino produtivo, da imersão do aluno em diversos gêneros textuais. Em que a sala de aula não seja apenas um espaço de reprodução, mas, e principalmente, seja um espaço de transformação de sentidos e de sujeitos, pois, conforme Cardoso (2003, p. 53), “o sujeito só constrói sua identidade na interação com o outro, numa relação dinâmica entre *alteridade* e *identidade* [grifos nossos]”. Interação essa que se efetivará quando professores e alunos forem concebidos como sujeitos inseridos numa mesma realidade (contexto escolar) que lhes permita fazer do preestabelecido, do “já dito” instrumentos de reflexão e de transformação de conceitos e valores.

Assim, espera-se que seja privilegiada a produção de textos e discursos que visem levar os alunos a tornarem-se conscientes do lugar que ocupam e de seu poder de ressignificar e subverter discursos preestabelecidos.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. **Discurso e ensino**. 2. ed., Belo Horizonte, Autêntica, 2003.

CAVALCANTE, Maria do Socorro Aguiar de Oliveira. **Qualidade e cidadania nas reformas da educação brasileira**: o simulacro de um discurso modernizador. Maceió: Edufal, 2007.

DANTAS, Aloísio de Medeiros. **Sobressaltos do Discurso** - Algumas aproximações da Análise do discurso. Campina Grande: EDUFCEG, 2007.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Os termos chave da análise do discurso**. Lisboa: Gradiva, 1997.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso** - Princípios e procedimentos. 7. edição, Campinas, SP, 2007.

PÊCHEUX, Michel. A análise de discurso: três etapas (1983). In: GADET, F. et HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Edunicamp, 1990.